

CAROLINE CARLSON

A QUASE HONROSA
LIGA DE PIRATAS

O Código dos Bucaneiros



Ilustrações
DAVE PHILLIPS

Tradução
ANDRÉ CZARNOBAI

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright texto © 2015 by Caroline Carlson
Copyright ilustrações © 2015 by Dave Phillips
Publicado mediante acordo com Rights People, Londres.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Very Nearly Honorable League of Pirates: The Buccaneers' Code

CAPA Amy Ryan

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2015 by Petur Antonsson

LETTERING DE CAPA David Coulson

PREPARAÇÃO Lúgia Azevedo

REVISÃO Márcia Moura e Nana Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carlson, Caroline

O Código dos Bucaneiros : a quase honrosa liga de piratas /
Caroline Carlson ; ilustrações Dave Phillips ; tradução André
Czarnobai. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: The Very Nearly Honorable League of Pirates:
The Buccaneers' Code
ISBN 978-85-5534-008-6

I. Ficção – Literatura infantojuvenil I. Phillips, Dave. II. Título.

16-03264

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UM



NEVAYA FORTE em Porto Real, e Hilary acreditava que talvez nunca parasse. A neve cobria os domínios da mansão Westfield, batendo contra as enormes portas de vidro da sala de estar e bloqueando o menor vislumbre do cais à frente. Quando Hilary fez com sua espada o movimento que vinha praticando a manhã toda, a lâmina se enroscou nas melhores cortinas de veludo de sua mãe, e ela se sentiu tentada a deixá-la ali até a primavera.

— Esse clima é totalmente impróprio para a pirataria — Hilary disse.

— Não gosto nada disso — a gárgula concordou.

Ela havia passado a manhã empoleirada no aparador da lareira da sala, aquecendo sua cauda e fazendo comentários sobre a técnica de esgrima de Hilary.

— Não faz sentido cavar em busca de um tesouro quando o chão está congelado. Ou quando metade dos piratas no reino deixou o navio ancorado a semana inteira e foi visitar parentes — a gárgula acrescentou, lançando um olhar para Hilary.

— Você sabe que prometi à minha mãe que a visitaria. Ela gosta de ter companhia durante as festas de fim de ano.

Hilary desenroscou sua espada da cortina e franziu a testa ao olhar para o buraco que tinha aberto no veludo.

— Além do mais, estaremos de volta ao mar assim que o tempo melhorar — concluiu.

— Ou quem sabe até antes — a gárgula disse, esperançosa —, se sua mãe descobrir que você está destruindo a decoração.

Ouviram-se uma batida na porta da sala. Hilary jogou a espada no chão, chutou-a para baixo de um divã e correu para se posicionar na frente das cortinas esfarrapadas bem quando Bess, a empregada, entrou.

— Com licença — ela disse —, há um cavalheiro procurando pela senhorita.

Aquilo parecia muito improvável. Hilary não podia imaginar que tipo de cavalheiro a procuraria na mansão Westfield — ou em qualquer outro lugar, diga-se de passagem.

— Tem certeza de que ele não está atrás da minha mãe?

— Certeza absoluta, senhorita — disse Bess. — Lamento, mas não sabia o que fazer com ele. Não me pareceu apropriado

convidá-lo para entrar, então pedi que aguardasse na frente da casa, apesar dessa nevasca terrível. Sabe, ele não é exatamente um cavalheiro. — Ela olhou em volta e baixou a voz. — É um pirata.

O VISITANTE ERA, de fato, um pirata, e estava levemente molhado. Flocos de neve cobriam seus ombros e a aba de seu chapéu de três pontas. Exceto pelo cachecol vermelho que envolvia tanto a ele quanto ao seu papagaio, parecia vestido para um dia de verão em alto-mar.

— Hurra! — ele disse a Hilary, rangendo os dentes.
— Por acaso você é o Terror das Terras do Sul?

Hilary nunca havia visto aquele pirata na vida, mas ele não parecia ameaçador — parecia apenas com frio. Ela o segurou firmemente pelos punhos e o puxou porta adentro.

— Sim — ela disse —, e é melhor vocês entrarem antes que seu papagaio pegue um resfriado. Lamento que Bess tenha deixado vocês esperando, mas não costumamos receber visitas de piratas aqui na mansão Westfield. — Ela cruzou os braços e examinou o pirata, que molhava todo o piso. — Agora, quem é você e o que quer comigo?

— Meu nome é Perdiz — disse o pirata, desenrolando o cachecol. Sua voz era fina e ansiosa; ele parecia mais um sapa-teiro do que um pilantra. — Vim assim que li o anúncio.

— Anúncio?

Perdiz assentiu com grande entusiasmo.

— O anúncio que você colocou na *Gazeta* esta manhã.

Hilary ficou imaginando quanto tempo exatamente aquele pirata tinha ficado no frio. Talvez seu cérebro tivesse congelado, porque aquilo não fazia o menor sentido.

— Não coloquei nenhum anúncio na *Gazeta* — ela disse. — Lamento, mas acho que cometeu um engano.

— Um engano? — disse Perdiz. — Oh, céus. Sabe, costume mesmo me enganar. Quando confundi rum com querosene, minha tripulação ficou terrivelmente enjoada, e nosso navio quase pegou fogo. — Um floco de neve caiu de seu nariz. — O capitão Dentenegro me expulsou da Liga por causa disso. Ele me disse para abandonar a pirataria e tentar outra profissão. — Perdiz torceu o cachecol, molhando completamente o chão. — Na verdade, sugeri que eu vendesse geleias e conservas.

Hilary quase sentiu pena dele. Afinal, o capitão Dentenegro também a havia expulsado da Quase Honrosa Liga de Piratas — na verdade, ela mesma havia caído fora. Dava na mesma: ela recebera ameaças de arrepiar por parte dos amigos de Dentenegro, críticas fulminantes sobre suas técnicas de esgrima no informativo da Liga e incontáveis incentivos dos membros de sua tripulação, que garantiam que uma carreira de pirata autônomo não era tão ruim quanto parecia.

— Você seguiu o conselho do capitão Dentenegro? — ela perguntou a Perdiz.

— Eu tentei — ele disse —, mas sempre confundia as

geleias com as conservas. E ninguém quer comprar essas coisas de um pirata. Foi por isso que resolvi responder ao anúncio na *Gazeta*. . . Mas parece que também me confundi com essa história.

O papagaio lançava um olhar suplicante a Hilary.

Ela pegou o cachecol molhado de Perdiz e o pendurou no braço mais baixo do cabideiro, torcendo para que sua mãe não o encontrasse.

— Talvez eu não seja a pessoa por quem você está procurando — ela disse —, mas não vou deixar que volte para a neve até que esteja aquecido. Vou pedir a Bess que traga um pouco de chá. — Ela levou Perdiz e o papagaio até o salão azul, aquecido pela lareira. — Ah! E se minha mãe esbarrar com você, consegue fingir que é um cavalheiro da alta sociedade? Eu não deveria deixar que pilantras entrassem em casa.

— Posso tentar. — Perdiz soava levemente mais esperançoso do que um momento antes. — Talvez ela queira comprar alguma conserva.

Em seguida, ele sentou na poltrona favorita da sra. Westfield, que certamente ia cheirar a papagaio molhado pelo resto do inverno, e Hilary foi pedir que Bess fizesse chá.

QUANDO VOLTOU à sala de estar, Hilary encontrou a gárgula saltitando de um lado para o outro em cima do aparador da lareira.

— Conte tudo! — ela gritava. — Fiquei presa aqui o tempo todo! Tinha mesmo um pirata esperando por você? Era um daqueles tipos desagradáveis da Liga? Você o desafiou para um duelo?

— Não exatamente.

Hilary pegou sua espada embaixo do divã e lustrou uma parte com a manga.

— Tinha mesmo um pirata me esperando na porta, mas parece que ele veio até aqui porque se confundiu. Agora está no salão azul, tomando chá.

— Isso não é muito emocionante — disse a gárgula. — Espero que o próximo tenha algo mais interessante a dizer. Hilary quase derrubou a espada.

— O próximo?

— Ele está vindo pelo gramado neste instante.

A gárgula indicou com a cabeça as janelas da sala de estar. Do outro lado do vidro, um homem caminhava pesadamente pela neve. Um cinto estava amarrado em sua cintura enorme, com um sabre reluzente, que parecia afiado, pendurado nele.

— É melhor me levar com você desta vez — disse a gárgula. — Se vai acontecer um duelo na casa da sua mãe, não quero perder.

Hilary não achava que um duelo fosse provável, mas as pernas do homem com o sabre eram tão grossas e robustas quanto a lenha que ardia na lareira. Pegou a gárgula e a ajeitou debaixo do braço, só por precaução.

Quando chegaram à porta da frente, encontraram Bess com as mãos na cintura, lançando um olhar severo para o segundo pirata.

— Eles estão se multiplicando, senhorita — ela disse a Hilary. — Devo falar com a sra. Westfield?

Hilary balançou a cabeça com veemência.

Bess ergueu uma sobrancelha.

— Vou pôr mais água para ferver então.

O segundo pirata entrou sem ser convidado. Ele era tão largo que teve de virar de lado para passar pela porta, e tão alto que precisou tirar o chapéu.

— Terror das Terras do Sul, eu presumo! — ele exclamou.

Sua voz preencheu cada centímetro da sala. Quando apertou a mão de Hilary, quase arrancou a garota do chão.

— Meu nome é Garrucha. Estou aqui por causa do seu anúncio na *Gazeta*.

A gárgula olhou para Hilary.

— Você colocou um anúncio na *Gazeta*?

— Não! — disse Hilary. — Não sei nada sobre isso.

— Ah. — Garrucha piscou. — Entendi. Você não quer falar sobre seu plano ardiloso em público. Isso é muito inteligente, Terror. Os espiões da Liga podem estar em qualquer parte.

Ele inclinou a cabeça na direção da gárgula.

Hilary podia ouvir o sr. Perdiz cantarolando canções de marinheiro para o papagaio no salão azul, mas se

esforçou para ignorá-lo. Ela não estava convencida de que podia lidar com mais de um pirata estranho ao mesmo tempo.

— Se está procurando um plano ardiloso — ela disse a Garrucha —, veio ao lugar errado. Não sei o que o jornal publicou, mas juro que não tenho nada a ver com isso.

— Muito bem. — Garrucha piscou mais uma vez e baixou a voz até que soasse como um sussurro. — Você é uma atriz muito convincente, Terror, mas não vim até aqui para assistir a uma peça. Tem algum lugar em que possamos discutir seus planos sem que ninguém nos escute?

A gárgula encostou o focinho no ouvido de Hilary.

— Do que ele está falando? — ela sussurrou. — E por que fica piscando desse jeito?

Hilary sabia menos do que a gárgula, mas pressentia que tentar ser racional com aquele pirata não ajudaria muito.

— Você pode esperar no salão azul — ela disse, apontando para a porta. — Estarei lá num instante.

O pirata inclinou a cabeça para ela e seguiu pelo corredor. Quando ele fechou a porta do salão, Hilary pôs a gárgula no chão e começou a abrir gavetas, revirar baús e vasculhar armários.

— O que está fazendo? — a gárgula perguntou.

— Estou procurando a *Gazeta* desta manhã — disse Hilary. — Não faço ideia de onde minha mãe a guardou.

Sua antiga governanta, a srta. Greyson, costumava encorajá-la a acompanhar as notícias do dia, mas Hilary

sempre esteve mais interessada em pirataria do que nos eventos cotidianos e não conseguia imaginar que utilidade teria um jornal em alto-mar. Naquele momento, entretanto, desejou ter prestado um pouco mais de atenção no que a governanta dizia.

— Encontrar um pirata estranho à sua porta pode ser um acidente — ela disse —, mas encontrar dois já se torna um padrão. Quero ver esse anúncio com meus próprios olhos para entender por que esses pilantras estão aqui.

A gárgula balançou de um lado para o outro.

— Na verdade, acontece que sei exatamente onde sua mãe guardou a *Gazeta* — ela disse.

Hilary estava investigando uma pilha de formulários navais que pareciam antigos.

— Você sabe? Onde?

— Na lareira da sala de estar — disse a gárgula. — Ela fez um trabalho excelente esquentando minha cauda.

— Ah, puxa. — Hilary olhou pela janela. — E tem mais alguém subindo os degraus da entrada.

— Minha nossa! — exclamou Bess, que ia em direção ao salão azul com um novo bule de chá. — Essa casa não recebia tantas visitas desde o último baile de máscaras de sua mãe. Não consigo imaginar por que metade do reino veio falar com a senhorita no meio desta nevasca.

— Nem eu — disse Hilary —, mas estou louca para descobrir. — Ela abriu a porta e ficou examinando a pessoa

à sua frente. — Suponho que você também esteja aqui em resposta ao meu anúncio.

— Naturalmente — disse a pirata na porta da frente.

Era uma mulher jovem. Seu cabelo estava penteado para trás, preso numa trança curta e apertada, e seu casaco e sua calça estavam impecáveis. Ela usava luvas e segurava um recorte de jornal coberto de neve.

— Sou Lucy Worthington — disse. — Desculpe por ter demorado tanto para chegar, mas errei o caminho sete vezes e só percebi que não estava indo na direção certa quando já estava no meio da cidade. Espero não ter chegado tarde demais para ajudá-la, Terror.

Hilary manteve o olhar no recorte de jornal na mão de Worthington.

— Acho que sei exatamente como você pode me ajudar — ela disse, indicando para a pirata entrar. — Esse é o anúncio que saiu na *Gazeta*?

Worthington assentiu.

— Espero que não tenha problema eu ter trazido. Queria ter certeza do endereço. — Ela sorriu para Hilary e lhe passou o papel. — É muito difícil lembrar para onde você está indo depois que começou a jornada, não acha?

Hilary não respondeu. Ficou observando as palavras à sua frente, impressas em letras tão negras e perigosas quanto balas de canhão.

ANÚNCIO

TERROR DAS TERRAS DO SUL BUSCA PRESIDÊNCIA DA LIGA DE PIRATAS

A pirata Hilary Westfield, o Terror das Terras do Sul, em breve anunciará sua intenção de desafiar o capitão Rupert Dentenegro pelo comando da Quase Honrosa Liga de Piratas. Dentenegro é o atual presidente da Liga, posição que vem exercendo há dezoito anos. Nos últimos meses, entretanto, as ligações do capitão com atividades criminosas levantaram dúvidas sobre sua competência para liderar uma organização que alega ser honrosa (ou quase). O Terror das Terras do Sul se retirou da Liga há seis meses em protesto à liderança de Dentenegro, acreditando que os pilantras de Augusta merecem um verdadeiro pirata como capitão — e não um bandido covarde.

Todos os piratas que desejarem ajudar o Terror na sua tentativa de se tornar presidente da Liga devem demonstrar seu apoio se apresentando imediatamente na mansão Westfield, em Porto Real.

Hilary precisou ler a manchete três vezes para conseguir acreditar.

— Aqui diz que vou desafiar o capitão Dentenegro — ela explicou à gárgula, que estava esticando o pescoço para tentar ler o papel. — Diz que quero ser presidente da QHLP.

A gárgula congelou.

— Desafiar o capitão Dentenegro? Você está louca? Ele vai mandar os capangas pra cima da gente! Vão nos fatar e nos fritar para o jantar! — A gárgula fechou os olhos com força. — Vão me servir com batatas.

— Eles não vão fazer nada disso — disse Hilary. — Você é dura demais. Mas alguém cometeu um erro terrível, e temos de corrigi-lo imediatamente.

Ela deu meia-volta, deixou Lucy Worthington no corredor e entrou correndo no salão azul sem se preocupar em bater à porta.

Sentados em cadeiras de veludo azul em frente a uma mesa de ladrilhos azuis, o sr. Garrucha e o sr. Perdiz estavam concentrados num animado jogo de cartas. Suas xícaras de chá haviam deixado manchas na mobília e vapor subia dos casacos que haviam deixado para secar na frente da lareira. Quando Hilary pôs o anúncio na mesa à frente deles, cartas de baralho saíram voando em todas as direções.

— É por isso que vocês estão aqui, não é? — ela perguntou. — Para me ajudar a tomar a Liga de Piratas?

O sr. Perdiz e o papagaio concordaram com a cabeça ao mesmo tempo.

— É claro — disse o sr. Perdiz. — Desde que o capitão Dentenegro acabou com minha carreira estou ansioso para retribuir o favor.

— Eu também — Garrucha ressonou. — Fui um pirata leal por quase quinze anos, mas bastou um deslize para que Dentenegro me expulsasse da Liga.

A gárgula veio saltando do corredor.

— Qual foi o deslize? — perguntou.

— Eu era uma bala de canhão humana — Garrucha suspirou. — Fiquei entalado.

Hilary se virou para Worthington, que estava parada no vão da porta.

— Dentenegro também expulsou você?

— Sim, há menos de um mês — ela disse. — Eu era aprendiz de pirata, e ele me disse que não havia lugar na Liga para uma navegadora que não sabia navegar. — Ela fechou a cara. — Mas a gente sempre acabava chegando ao destino, no fim das contas.

Os três piratas sacudiram a cabeça.

— Foi bom o Terror ter nos reunido aqui — disse Garrucha. — Quando tivermos acabado com Dentenegro, vai sobrar só o osso!

— Só o osso! — disse o papagaio.

— Então, Terror, quando começamos? — Perdiz perguntou.

Hilary esfregou as botas no bom tapete de sua mãe. Os três piratas pareciam tão esperançosos, tão certos de que ela poderia ajudá-los...

— Temo que não vamos começar nada — ela disse. — Não vou desafiar o capitão Dentenegro.

A expressão no rosto dos piratas se desfez. Até mesmo os reis e as rainhas nas cartas do baralho pareciam mais abatidos que o normal.

— Uma mudança de planos? — questionou Garrucha.

— Nunca tive um plano, para começo de conversa! — disse Hilary. — Não sei de onde a *Gazeta* tirou esse anúncio. Praticamente nada do que diz aí é verdade.

Worthington parecia intrigada.

— Você está querendo dizer que Dentenegro não é um bandido?

— Bem, não, não foi isso que eu quis dizer. Ele quer toda a magia do reino para ele e tem sido completamente desonroso em sua tentativa de colocar as mãos nela — disse Hilary.

— Mas você ainda acha que ele deve estar no comando da Liga.

— É claro que não! — disse Hilary. — Ele deveria estar trancafiado nas masmorras reais!

Garrucha coçou o queixo.

— Nesse caso, Terror — ele disse lentamente —, por que não vai desafiá-lo?

Hilary franziu a testa.

— Quero que Dentenegro saia, mas isso não significa que vou substituí-lo. Seria ridículo! Não sei nada a respeito de comandar uma liga inteira de...

— Piratas! — gritou a sra. Westfield.

Ela estava parada na porta do salão, segurando-se com uma das mãos para evitar desmaiar ali mesmo. Perdiz, Garrucha e Worthington ofereceram a mão para ela, mas a mulher apenas observou cada um dos piratas antes de dizer:

— Hilary, querida, quando eu disse que queria que você fosse um pouco mais sociável, não era exatamente disso que estava falando. — A sra. Westfield olhou para o tapete azul, salpicado de lama das botas das visitas, e ficou pálida. — Se ao menos você tivesse me dito que ia dar um chá para um bando de piratas, eu poderia ter sugerido um lugar mais apropriado.

— Piratas? — disse Perdiz. — Sou um cavalheiro da alta sociedade!

— Só o osso! — disse o papagaio.

— Lamento muito, mãe. — Hilary ficou ao lado da sra. Westfield. — Estes convidados chegaram inesperadamente e, bem, não quis ser uma anfitriã indelicada.

A cor da sra. Westfield melhorou consideravelmente.

— Mas eles estavam prestes a ir embora. Temo que tenha havido um mal-entendido. Não sou a pilantra que eles queriam ver.

Os três piratas pareceram tremendamente decepcionados ao ouvir aquilo. O lábio de Perdiz começou a tremer. Hilary torcia para que ele não voltasse a molhar o piso.

— Tenho certeza de que eles vão encontrar a pessoa por quem estão procurando — ela acrescentou.

Àquela altura, a sra. Westfield tinha conseguido soltar a mão do batente da porta.

— Vou pedir para o cocheiro levar as visitas em casa — ela disse, como se aquilo resolvesse tudo. — Eles não deveriam ir a pé; a nevasca ainda está muito forte.

— É muito gentil de sua parte, madame — disse Garrucha. Ele fez uma reverência para a sra. Westfield e se arrastou para fora do salão, seguido por Perdiz e Worthington. — Se meus novos amigos acharem aceitável, pedirei ao cocheiro que nos leve até o Água & Sal, onde poderemos esperar o tempo melhorar com um barril de rum. Se mudar de ideia, Terror, pode nos encontrar lá.

De
A Gazeta Ilustrada de Porto Real

O SEU PORTAL PARA O MUNDO CIVILIZADO!

AMOTINADOS AINDA ESTÃO À SOLTA, DIZ ENCANTADORA

PEMBERTON, AUGUSTA — Já faz seis meses desde que a srta. Eugenia Pimm, Encantadora das Terras do Norte, desapareceu misteriosamente de sua casa em Pemberton e foi resgatada pela pirata Hilary Westfield. Até agora, entretanto, os inspetores da rainha não fizeram nenhuma prisão relacionada ao caso. A srta. Pimm continua afirmando que foi sequestrada por um grupo de bandidos que se autodenominava Amotinados. “Eles queriam tomar meu lugar de Encantadora”, ela disse à *Gazeta*. “Esperavam tomar toda a magia do reino, e devo dizer que chegaram extraordinariamente perto disso.”

De acordo com a srta. Pimm, os líderes dos Amotinados são o ex-almirante da Marinha James Westfield; o capitão pirata Rupert Dentenegro; sua irmã, a sra. Georgiana Tilbury; e a filha da sra. Tilbury, Filomena. "Os Amotinados são especialistas em roubo e traição", a srta. Pimm disse à repórter. "Sendo completamente sincera, não são boa gente."

Até agora, todavia, os inspetores não foram capazes de confirmar a história da srta. Pimm. O almirante Westfield foi preso há quase dois anos pela tentativa de roubo de uma quantia considerável de magia e atualmente reside nas masmorras reais, o que o impossibilitaria de ter atuado no sequestro. Quanto ao capitão Dentenegro e à Tilbury, o inspetor John Hastings disse que não há evidências que os liguem ao suposto crime. "A sra. Tilbury nos disse que a srta. Pimm se sentiu mal durante uma visita à mansão Tilbury", declarou o inspetor Hastings. "Ela não estava em condições de voltar para casa e começou a inventar histórias fantasiosas sobre bandidos e sequestros. Suponho que ela acredite que essas histórias são verdadeiras, mas suspeito que a doença tenha comprometido sua mente, uma vez que nunca ouvi ninguém falar dos Amotinados, exceto a srta. Pimm e seus amigos. Não tenho nenhum motivo para acreditar que existam."

Quando foi informada dos comentários do inspetor Hastings, a Encantadora reagiu de maneira surpreendentemente inapropriada para uma dama. “Esse homem é um tremendo idiota!”, ela disse. “É claro que os Amotinados existem. É só uma questão de tempo até que tentem controlar a magia do reino de novo, e provavelmente não vão fracassar da próxima vez. Talvez o inspetor Hastings acredite em mim quando os Amotinados o despacharem para algum reino vizinho.”

Infelizmente, o capitão Dentenegro e os membros da família Tilbury não foram localizados para comentar a história. A sra. Georgiana Tilbury está confinada na mansão Tilbury sob a vigilância de um guarda real após ter sido flagrada em posse de itens mágicos roubados. A srta. Filomena Tilbury se recusou a falar com a imprensa, e o capitão Dentenegro disparou uma sequência de balas de canhão na direção desta repórter quando ela tentou se aproximar do seu navio.